



ANÁLISE DO DISCURSO DO GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL JOSÉ IVO SARTORI: MOVIMENTAÇÕES DISCURSIVAS

Maria Inês Gonçalves Medeiros Cordeiro¹

Este artigo é parte da minha tese de doutorado, e resulta das muitas inquietações que surgiram no decorrer do estudo e da análise do discurso representativo² do governador do estado do Rio Grande do Sul, José Ivo Sartori. Tratamos aqui de movimentações discursivas do discurso em pauta, e, para isso, contamos com o referencial teórico da Análise de Discurso, com filiação em Michel Pêcheux. Nosso dispositivo teórico-metodológico requer a seleção de alguns enunciados, e aqui tomamos o discurso pré-eleitoral em contraposição ao que foi discursivizado em cenas discursivas pós-posse. Na análise, atentamos às possíveis discontinuidades, deslizamentos ou deslocamentos discursivos materializados no discurso do sujeito.

O objetivo central deste artigo é compreender tais processos no antes e no depois da posse do cargo bem como os efeitos de sentido possíveis. Procurando dar conta dessa proposta, algumas sequências discursivas representativas do antes³ foram selecionadas, como: EU SOU SARTORI E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE (SD1); QUE O RIO GRANDE SEJA GRANDE, QUE A VIDA SÓ MELHORE (SD2); ELE É O GRINGO DA COLÔNIA, DO TRABALHO E DA PAZ, ELE PENSA NAS PESSOAS, ELE É O GRINGO QUE FAZ (SD3). Ainda, foram selecionadas algumas sequências discursivas do período pós-posse⁴: O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL ESTÁ NA UTI, EM FASE TERMINAL (SD4), então a esse estado PRECISA SER ADMINISTRADO UM REMÉDIO AMARGO (SD5). Para essa análise, retomaremos inicialmente alguns pressupostos da Análise do Discurso.

O discurso por si só não nos dá acesso direto ao sentido, ele nos dá pistas, “indícios de como o autor pratica suas significações, no modo como a ideologia produz seus efeitos nele” (ORLANDI, 2017, p.33). Pela análise empreendida, o que se pode perceber são movimentos, fluidez do discurso do sujeito e do sentido. O sujeito é capturado em suas posições nem sempre coincidentes, o que demonstra que seu discurso, em seu percurso, deriva, vagueia, desliza e até mesmo se desloca para outras formações discursivas, na busca incessante de dar o que entendemos como efeito de verdade.

¹ Doutoranda em Letras, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas - UCPEL. Email: mariacordeiro@ifsul.edu.br

² Não estamos tratando com o sujeito empírico, e sim com a representatividade do discurso de Sartori Candidato e Sartori Governador. Tal discurso é representativo do grupo que sustenta sua candidatura e do grupo que sustenta seu governo. Sartori enquanto sujeito enunciativo exerce um lugar de liderança e porta-voz na cena discursiva.

³ Sequências recortadas do jingle da campanha eleitoral de José Ivo Sartori.

⁴ Sequências recortadas da mídia eletrônica. Disponível em:

<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/09/analise-de-discurso-de-sartori-mostra-que-expressoes-podem-aumentar-ansiedade-e-criar-clima-de-panico-4846433.html#showNoticia=SzNqZyYhUEEzODEyODQ3NjExODY2NTEzNDA4UzFcMzAwMTg3MjU3NDI3MDk>

wMjQwODxjODE0OTIwOTQ2NDA4NjQ2MjQ2NDBzPVFVCU0xEXC5YOzV7JEFyTjk>. Acesso em: 18 set. 2015.



As movimentações discursivas do discurso do sujeito demonstram que o processo de significação é histórico e que as formulações tomam forma e sentido em meio às formações/transformações das condições de produção do discurso. Nesse vai e vem dos sentidos, o sujeito deixa traços de sua filiação/pertencimento bem como do que determina suas práticas discursivas, ainda que essas sejam provisórias. Estamos entendendo por movimentações discursivas as materialidades desviantes/cambiantes entre um discurso e outro, isto é, entre o discurso do antes e do depois do governador e de sua campanha, as quais demonstram que o sujeito do discurso se movimenta entre diferentes lugares sociais. Esse sujeito enunciador muda de posição-sujeito quando passa a enunciar do lugar social de governador, e, assim, movimenta os sentidos. A movimentação entre os diferentes lugares/posições⁵ deixa pistas de sua determinação, a qual é histórica. Recorremos à noção de narratividade, proposta por Mariani, para melhor explicitar o funcionamento dessas movimentações discursivas:

Estamos chamando de narratividade, ou memória como processo narrativo, um mecanismo discursivo que atuando junto à memória possibilita a reorganização imaginária do acontecer histórico em suas repetições, resistências e rupturas. A narratividade, tal como a estamos concebendo, com base na perspectiva da AD, coloca em movimento (no trabalho da memória) os agenciamentos de rituais enunciativos presentes no imaginário, permitindo o deslocamento, o retorno, a migração de cadeias de enunciados. A narratividade – e seu 'produto', os enunciados e textos narrativos - se encontra dispersa na verticalidade do interdiscurso. Ela é apreensível, portanto, após o trabalho de análise do discursivo. (MARIANI, 1996, p. 119)

Entendemos que essa noção contribui para a compreensão das movimentações discursivas do discurso do sujeito, o qual se apresenta como tendo o comprometimento com a verdade, sua história é contada “com personagens e cenários explicativos”, de forma que a própria narratividade “permita a recomposição interna dos discursos em função das variações e mudanças históricas”, portanto, ao falar de si, o sujeito conta com o “efeito no discurso”. Também interessa o que escreve Orlandi (2017, p. 29-31), quando propõe a narratividade para falar do sujeito e sua individualização, tomando-a como “constitutiva do funcionamento da memória, então, dos sentidos e dos sujeitos”.

Em nosso movimento de análise, apreendemos que, na (SD1), EU SOU SARTORI E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE, o sujeito do discurso mobiliza noções que são caras à AD, como o fato de deixar transparecer a movimentação de uma tentativa de desconstrução de sentidos em circulação ou, ainda, uma tentativa de recalcar determinados sentidos e antecipar outros⁶, em decorrência da circulação de significações que produzem “um mal estar simbólico na relação com o ‘outro’ co-

⁵ Orlandi (2017, p. 75) nos lembra que “as posições-sujeito correspondem a lugares sociais, no entanto, projetados, por formações imaginárias no discurso”, deste modo, não são os lugares empíricos que funcionam no discurso, mas as posições-sujeito.

⁶ O mecanismo da antecipação, mencionado por Pêcheux, prevê que o sujeito enunciador se coloca no lugar de seu interlocutor e antecipa-lhe a resposta. Deste modo, o sujeito inconscientemente organiza seu discurso de determinada forma e não de outra, visando produzir efeitos de sentido que entende como possíveis produzir no interlocutor, o que configura uma das ilusões do sujeito. A antecipação reside na possibilidade que permite “que o orador experimente de certa maneira o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte é, às vezes, decisiva se ele sabe prever, em tempo hábil, onde o ouvinte o ‘espera’. Esta antecipação do que o ouvinte vai pensar parece constitutiva de qualquer discurso...” (PÊCHEUX, 1997, p. 77 [grifos do autor]).



rompida, co-roída por práticas sociais que se historicizam por pesados processos de exclusão, de negação, de apagamento, de silenciamento” (ORLANDI, 2001, p. 209). O que também percebemos é “um *efeito de silenciamento* do diferente, responsável pelo efeito de consenso instaurado no corpo social” (INDURSKY, 2015, p. 15, grifo da autora), como também a falta que possibilita a constituição de um “lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significativa com fins ideológicos determinados” (ERNST, 2009, p.3). É isso que possibilita que esse vazio criado possa encobrir pressupostos ameaçadores.

Na perspectiva discursiva, concebemos a ideologia como a capacidade de dissimular em seu interior o seu próprio funcionamento, portanto, ela pode parecer não estar lá, mas mesmo assim produz seus efeitos. A ideologia nada tem a ver com a "ilusão", com uma representação equivocada e distorcida de seu conteúdo social. Ela tem a ver com constituição, com filiação e com funcionamento. O Rio Grande do Sul, segundo o enunciador do discurso, requer medidas para o enfrentamento da crise, entre elas a redução dos gastos públicos; mas quando essas medidas atingem principalmente determinadas categorias, é possível compreender que as alegorias não são para todos. Portanto, esse ponto de vista, que requer o “sacrifício” de determinados atores da cena política, aponta para uma interpretação em determinada direção, e, assim

Estamos dentro do espaço ideológico propriamente dito no momento em que esse conteúdo — "verdadeiro" ou "falso" (se verdadeiro, tanto melhor para o efeito ideológico) — é funcional com respeito a alguma relação de dominação social ("poder", "exploração") de maneira intrinsecamente não transparente [...] Em outras palavras, o ponto de partida da crítica da ideologia tem que ser o pleno reconhecimento do fato de que é muito fácil mentir sob o disfarce da verdade [...] O modo mais destacado dessa "mentira sob o disfarce da verdade", nos dias atuais, é o cinismo: com desconcertante franqueza, "admite-se tudo", mas esse pleno reconhecimento de nossos interesses não nos impede, de maneira alguma, de persegui-los; a fórmula do cinismo já não é o clássico enunciado marxista do "eles não sabem, mas é o que estão fazendo"; agora, é "eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas fazem assim mesmo". (ZIZEK, 1996, p.12-13, GRIFOS DO AUTOR)

De certo modo, o cinismo abordado pelo autor nos parece se aproximar do efeito de sentido produzido pelo enunciado (SD2), “que o Rio Grande seja grande, que a vida só melhore”, tomado como verdade pelo enunciador, mesmo que as condições de produção de seu discurso tenham como pano de fundo indícios talvez da maior crise econômica e financeira que o Rio Grande do Sul já enfrentou. A ideia de crescimento do estado e melhorias na vida do povo gaúcho parece não ser coerente no momento vivenciado. No entanto, vimos o espetáculo e sabemos exatamente como ele foi montado, embora tenhamos continuado a assistir pacientemente os efeitos de sentido produzidos por ele.

Isso nos parece funcionar duplamente, ou seja, no período pré-eleitoral, o sujeito do discurso, ainda que inconscientemente, enuncia “sabendo” que seu discurso não se sustentará após assumir o cargo. Da mesma forma, seu interlocutor-eleitor “sabe” que não serão cumpridas todas as promessas, mas, mesmo assim, continua agindo como se fossem verdadeiras. Estamos compreendendo o cinismo não como mentira consciente, mas como verdade constituída e constitutiva do sujeito. Arendt, em *Verdade e Política*, esclarece que



A época moderna acredita que a verdade não é nem dada, nem revelada ao espírito, mas produzida por ele” e faz a diferenciação entre verdades da razão (as verdades matemáticas, científicas e filosóficas) e verdades de facto (relativas a fatos e acontecimentos), demonstrando que essas são mais vulneráveis que as da razão. Isto porque os fatos e os acontecimentos “que são sempre engendrados pelos homens vivendo e agindo em conjunto – constituem a própria textura do domínio político” [...] São efetivamente muito tênues as possibilidades que a verdade de facto tem de sobreviver ao assalto do poder; ela corre o constante perigo de ser colocada fora do mundo, através de manobras, não apenas por algum tempo, mas, virtualmente, para sempre (ARENDDT, [1968] 1995, p. 14-15, GRIFO DA AUTORA).

Como fatos e acontecimentos são frágeis, “ocorrem no campo perpetuamente modificável dos assuntos humanos, no seu fluxo em que nada é mais permanente que a permanência, relativa, como se sabe, da estrutura do espírito humano” (op. cit., p.15), as verdades do sujeito vão sendo construídas em suas relatividades. Isso nos permite compreendê-lo também como cínico. Para a autora, “a falsidade deliberada, a vulgar mentira, desempenha apenas seu papel no domínio dos enunciados de facto” (p.16). É possível pensar que a falsidade/o cinismo foi reduzido à “simples opinião, apresentada como equivalente da ilusão, e é esta degradação da opinião que dá ao conflito a sua acuidade de política; porque a opinião e não a verdade, é uma das bases indispensáveis de todo o poder (ARENDDT[1968],1995, p.17)”. E é com essas bases que o poder joga, trava suas lutas para a obtenção do apoio daqueles que são do mesmo parecer/opinião.

O sujeito do discurso, (SD2) “o gringo da colônia, do trabalho e da paz, aquele que pensa nas pessoas” e que é “o gringo que faz”, mobiliza a memória discursiva em uma paráfrase de “Gente que Faz”⁷. Com esse enunciado, é possível que se tenha produzido um efeito de sentido que retome, ainda que relativamente, o sentido produzido por uma campanha do extinto Banco Bamerindus. Na campanha, era veiculada a ideia/imagem de gente que faz não somente para si, mas para seu semelhante, para sua comunidade, para seu país.

Os protagonistas da série “Gente que Faz” são, sem dúvida, apresentados como se tivessem um diferencial, como no exemplo apresentado a seguir. Agrega-se ao adjetivo “gringo” o determinante “o”, que atribui efeito de sentido ao sujeito, relacionando-o a um imaginário corrente que se pode pensar a partir da história da imigração no Rio Grande do Sul⁸. Esse imaginário produz o efeito de sentido de que o estrangeiro, o imigrante italiano no caso em estudo, traz no sangue a história de coragem e de luta, que precisou primeiro desbravar terras improdutivas para depois obter o sucesso que é oriundo do seu trabalho.

De certa forma, temos efeitos de sentido que retomam outros, oriundos do interdiscurso, como o de que “o brasileiro” não gosta de trabalhar, sentido ideologicamente performado que tenta justificar a desigualdade, a injustiça social e o abandono desse brasileiro por parte do Estado. O

⁷A Biblioteca FEAUSP possui em seu acervo de vídeos a série “Gente que faz: histórias de ambição, coragem e progresso”, produzida pela TV1 e apresentada por Sérgio Motta Mello. A série apresenta casos de sucesso, das décadas de 80 e 90, de empreendedores brasileiros. Disponível em: <<https://bibliotecafea.com/tag/gente-que-faz/>>. Acesso em: 29 nov. 2016. Também é possível obter mais informações em <<https://www.facebook.com/bancobamerindus/video/591603310885714>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

⁸ Podemos contar com inúmeras obras e estudos que tomam por base a imigração italiana no Brasil, contudo encontramos efeitos de sentido que enfatizam a história de coragem, heroísmo e superação de dificuldades dos colonos italianos, que permeia até hoje o imaginário colonial e a memória social (ZAGONEL e MANFROI, *apud* CONSTANTINO, 2011, p. 6-7).



imaginário/imagem de “o gringo” se contrapõe ao sentido pejorativo atribuído à imagem do “brasileiro” e se firma sobre a pretensa ideia de determinação, coragem, trabalho e sucesso.

Uma reportagem veiculada na mídia eletrônica, sobre Sartori, salienta que “conhecido pelo bom humor, o político tem se mostrado irritado nas últimas aparições públicas” e “expressões podem aumentar ansiedade e criar clima de pânico”, sugerindo que houve um deslocamento no discurso do sujeito. Ou seja, um discurso fraternal, com forte apelo representativo e emocional, que visa sensibilizar seu interlocutor, deriva para uma ordem técnica e científica, que visa racionalizar o discurso do sujeito e conferir credibilidade a ambos.

O discurso pré-eleitoral, que desejava a comunhão e a união, migra para um discurso determinado, de quem vai fazer o que precisa ser feito, ainda que isso seja o oposto do que se comprometeu (derrubando a máscara e possibilitando que aflore o cinismo), mesmo que isso tire a paz e estabeleça o conflito e a resistência. Após a campanha, o discurso é outro e justifica a necessidade de (SD4) “administrar um remédio amargo”, para um paciente que está na (SD5) “UTI, EM FASE TERMINAL” (o RS). E, nesse contexto, houve o aumento de impostos – ICMS –, que o sujeito declarou antes de ser eleito que não faria, e também o parcelamento dos salários, o não pagamento de direitos trabalhistas, as propostas de privatizações, a ameaça de desemprego. Ficam as perguntas: E a cultura da paz? E o pensar nas pessoas? Em quais pessoas?

Para Arendt ([1968] 1995, p. 18), a opinião opera sobre a forma da retórica, através da qual o demagogo, como diríamos hoje, persuade a multidão. E não seria isso que está acontecendo em nosso cenário político? Isso não nos é familiar?

Na perspectiva da AD, não há ciência neutra, portanto, podemos pensar que a verdade da ciência não é pura, é incompleta, da ordem do não-todo, e as opiniões, as paixões e os interesses humanos são diferentes e variáveis. Contudo, essa variabilidade está sujeita a limites, ou seja, definem o que pode e não pode ser dito, o que pode colaborar para que o sujeito “pense uma coisa e diga outra”, prática essa que pode encorajá-lo à prática discursiva cínica. Aqui entram em jogo também as noções de “antecipação” e “formações imaginárias”, propostas por Pêcheux, já na primeira fase da AD (AAD69).

Podemos concluir, ainda que provisoriamente, que as movimentações discursivas e os efeitos de sentido produzidos pelo discurso do sujeito o levaram à posição de governador do estado do Rio Grande do Sul. Contudo, essas mesmas movimentações discursivas, materializadas em seu discurso, o levaram também a enfrentar grande resistência, na forma de manifestações (principalmente do funcionalismo público), além de veiculação de charges na mídia impressa e eletrônica.

É possível compreender que as práticas discursivas do sujeito enunciativo do discurso convergem para a criação de efeito de sentidos, nesse momento histórico singular. Tais práticas, possibilitam que opiniões possam ser tomadas como “verdades óbvias” ou “evidências naturais”, pelo efeito ideológico do sentido sempre-já-lá. Ou seja, prevalece a lógica de legitimação da relação de dominação: quanto mais dissimulada, melhor. Esse processo facilita o encobrimento de que “O Meu Partido” talvez não seja “O Teu Partido” ou “O Nosso Partido”. Valendo lembrar que pode existir um



distanciamento entre o sujeito enunciador e seu interlocutor, o que, de certo modo, remete ou faz reverberar o efeito de sentido do “eu e tu” como diferente de “nós”.

Há construção, conjugação de sentidos e não sentidos. Parafraseando o “O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE” poderíamos chegar ao “sem partido”, que vislumbra deslocar, inverter, vir a ser, contudo, no nosso ponto de vista, está muito distante de “não tomar partido” ou “não ter partido”, pois as movimentações, os deslocamentos, as travessias discursivas são por si já carregadas de sentidos.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. (1968). *Verdade e política*. Tradução de Manuel Aberto. Relógio D'Água Editores, 1995.
- ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 4 ed., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais do IV SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2016.
- INDURSKY, Freda. In: FLORES, Giovana G. B; NECKEL, Nádia R. M; GALLO, Solange Maria Leda (Orgs.). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. v.1. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- MARIANI, B. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. 256 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 1996.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- _____. *EU, TU, ELE – discurso e real da história*. Campinas, SP: Pontes, 2017.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.61-161.
- SLAVOJ, Zizek (Org) *et al. Um mapa da ideologia*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 337p.